

**Luis Miguel dos Santos Lima**

**A ALMA HUMANA E A SUA IMORTALIDADE EM SANTO TOMÁS  
DE AQUINO**

**Monografia de Bacharelado em Filosofia**

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2021

**Luis Miguel dos Santos Lima**

**A ALMA HUMANA E A SUA IMORTALIDADE EM SANTO TOMÁS  
DE AQUINO**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da  
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como  
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em  
Filosofia.

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2021

## **RESUMO**

Esta monografia visa fundamentar o tema da incorruptibilidade da alma em Santo Tomás de Aquino. O tema da alma chama atenção, por favorecer o estudo da Antropologia, e colocar o lugar do ser-humano na escala dos seres criados. A psicologia de Santo Tomás tem como base, os pressupostos Aristotélicos, e contrapõe-se às fundamentações de grandes nomes da Filosofia Ocidental. Nosso objetivo, pois, é compreender quais os argumentos utilizados pelo Doutor Angélico, para comprovar que a alma humana é realmente imortal. Por isso apresentamos a concepção histórica de alma desde a Grécia arcaica, até aos Filósofos do Século XIII, período vivido por Tomás de Aquino. Observamos também a potência intelectual, e a justificação de sua imaterialidade. E ainda apresentamos como as explicações do autor sobre a subsistência da alma após a corrupção do corpo não contradiz sua doutrina de unidade substancial entre a matéria e a forma, o corpo e a alma.

Palavras-chave: Alma, Intelecto, Psicologia, Tomás de Aquino.

## **RESUMÉN**

Esta monografía pretende fundamentar el tema de la incorruptibilidad del alma en Santo Tomás de Aquino. El tema del alma llama la atención por favorecer el estudio de la antropología y colocar el lugar del ser humano en la escala de los seres creados. La psicología de Santo Tomás tiene como base las presuposiciones Aristotélicas y se opone a los fundamentos de los grandes nombres de la filosofía occidental. Nuestro objetivo, por lo tanto, es comprender los argumentos utilizados por el Doctor angelical, para demostrar que el alma humana es realmente inmortal. Por eso presentamos la concepción histórica del alma desde la Grecia arcaica, hasta los Filósofos del siglo XIII, periodo vivido por Tomás de Aquino. Observamos también la potencia intelectual y la justificación de su inmaterialidad. Incluso presentamos como las explicaciones del autor sobre la subsistencia del alma después de la corrupción del cuerpo, no contradice su propia doctrina de unidad substancial entre la materia e la forma, el cuerpo e el alma.

Palabras clave: Alma, Intelecto, Psicología, Tomás de Aquino

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>6</b>
<b>Capítulo I - Caminhos Biográficos de Santo Tomás de Aquino</b> .....	<b>8</b>
<b>Capítulo II - As influências que operaram no pensamento de Tomás de Aquino.</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1 Visão Grega sobre a alma</b> .....	<b>11</b>
<b>2.2 Visão cristã sobre a alma</b> .....	<b>15</b>
<b>2.2.1 Sagradas Escrituras</b> .....	<b>15</b>
<b>2.2.2 Filosofia Cristã</b> .....	<b>16</b>
<b>2.3 Debates sobre a alma no século XIII</b> .....	<b>17</b>
<b>Capítulo III - A Imortalidade da Alma na concepção de Santo Tomás de Aquino.</b> .....	<b>19</b>
<b>3.1 Visão Grega sobre a alma</b> .....	<b>19</b>
<b>3.2 Como a alma organiza o corpo?</b> .....	<b>20</b>
<b>3.3 Contraposições com outras correntes filosóficas</b> .....	<b>22</b>
<b>3.4 O lugar da alma humana na hierarquia dos seres.</b> .....	<b>24</b>
<b>3.5 O Intelecto e a alma</b> .....	<b>25</b>
<b>3.6 A importância da doutrina da alma</b> .....	<b>26</b>
<b>Conclusão</b> .....	<b>28</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

O tema da alma em Santo Tomás de Aquino possui um papel importante em seu pensamento. Na “Suma Teológica”, o tema é abordado na primeira questão do Tratado sobre o homem, a partir da questão de número 75 da primeira parte. Ele também trata sobre o assunto nas suas principais obras, como a Suma Contra os Gentios, e em diversas questões disputadas o tema da alma humana é encontrado

Embora este tema seja tratado em distintas obras do Doutor Angélico, neste trabalho nos ateremos como material principal, a “Suma Teológica”, que é a sua obra mais difundida, por ser um compêndio da doutrina cristã. Usaremos mais pormenorizadamente a questão 75, que trata especificamente da alma humana, e também a questão de número 14 das “Questões Disputadas sobre a alma”, por ser um capítulo exclusivo ao tema da imortalidade. Ambas começaram a ser escritas no mesmo período entre os anos de 1269 e 1270. E para uma melhor exposição da teoria tomista também citaremos outras obras do Doutor Universal e alguns de seus mais ilustres comentadores.

Por ser Tomás de Aquino um pensador cristão nosso trabalho visa fazer inicialmente uma brevíssima biografia que será de grande importância para irmos adentrando no pensamento desse filósofo, que foi proposto como modelo para a formação filosófica católica, além de ser uma oportunidade para todos quantos se aproximam de sua doutrina.

Já no segundo capítulo prosseguiremos abordando a concepção de alma na tradição grega, nas Sagradas Escrituras e no pensamento cristão, mostrando como os elementos destas tradições influenciaram e configuraram a forma de pensamento do filósofo dominicano. Iniciaremos este capítulo tratando sobre a Grécia pré-filosófica, e como a crença em um mundo após a morte já estava enraizada naquela cultura. Passaremos pela Tradição Cristã, cujas verdades de fé são professadas pelo nosso autor. E concluiremos falando sobre os embates ocorridos no século XIII, a partir da recepção das obras aristotélicas pelo mundo medieval, fortemente influenciado pelo Platonismo.

Dando continuidade apresentaremos a concepção Tomasiânica sobre alma, tratando sobre seus argumentos filosóficos, frisando a importância da união entre o corpo e a alma no ser humano. Falaremos sobre a posição do ser humano na escala dos seres, e sua característica “anfíbia”, colocando-o entre as criaturas puramente espirituais, que são os anjos e as criaturas materiais. Mostraremos a importância do intelecto, e como ele justifica a imortalidade da alma. Este capítulo é a culminância de todo o trabalho

O trabalho está sendo realizado, considerando o tema abordado dentro da psicologia do autor, sabendo que etimologicamente, o termo “psicologia” significa “ciência da alma”. As referências aos termos psicológicos neste trabalho terão significação distinta do uso contemporâneo, sendo referente apenas à alma humana. Não temos por finalidade esgotar a filosofia de Santo Tomás sobre a alma, já que não abordamos o tema das potências da alma, mas desejamos trazer de volta ao debate filosófico esta concepção de alma, e como ela contribuiu para a dignidade humana, como imagem e semelhança de Deus.

## CAP. I – CAMINHOS BIOGRÁFICOS DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

Embora por muito tempo, tenha-se mantido a concepção da Idade Média, como um período obscurantista, ou das “Trevas”, devemos reconhecer que este período histórico enriqueceu a civilização universal. Na Filosofia, o período medieval deu à humanidade grandes nomes, e muitos consideram Tomás de Aquino como o ápice do seu pensamento filosófico, por isso tomaremos neste trabalho a concepção deste autor sobre a alma humana e a sua incorruptibilidade. De início queremos apresentar um breve resumo de sua vida, para que saibamos, mesmo que incipientemente quem é esse grande filósofo.

Tomás de Aquino, nascido em Roccaseca entre os finais de 1224 e o início de 1225, pertenceu à família medieval dos condes de Aquino. Sua infância é cercada de lendas, mas sua história verídica começa a partir de 1230, quando entra na Abadia de Monte Cassino como oblato beneditino. Tal local rerepresenta um importante domínio territorial dos dignos dos condes de Aquino.

Entre os monges sua vida intelectual é rapidamente manifesta, com dez anos já sabendo ler e escrever, por essa razão, Tomás estudou os primeiros elementos do latim, da aritmética e da gramática. Aos treze anos conhecia grande parte do Saltério, dos Evangelhos e das Epístolas de São Paulo. Tomás também foi logo encaminhado às traduções das obras-primas da Patrística como alguns dos escritos de São Gregório, São Jerônimo e Santo Agostinho. Com tudo isto, o jovem Tomás foi sendo iniciado na cultura religiosa de seu tempo. (Cf. AMEAL, 1947, p. 13)

Após conflitos políticos entre o Papa e o Imperador, o Mosteiro do Monte Cassino foi atingido e Tomás foi devolvido para sua casa. Após isso, Tomás foi enviado à Universidade de Nápoles, e nela seus progressos nos estudos são rápidos e sensíveis. Durante seu período em Nápoles conhece os frades dominicanos, que atraíram o jovem Tomás. No entanto, a Ordem dos Pregadores, é de estilo mendicante, o que causa resistência por parte de sua família, já que eles o preparavam para assumir a Abadia do Monte Cassino.

O ingresso de Tomás na Ordem dos Pregadores, é como uma verdadeira novela de estilo medieval, com raptos e ameaças, mas seguindo sua vocação, Tomás ingressa como um frade dominicano e se destacará em sua vida intelectual. Fato marcante de sua vida é o encontro com o Doutor Alberto Magno. Alberto, seu mestre, dominava a corrente platônica pelas influências agostinianas e também o caminho novo que se abria à filosofia no seu tempo. “O encontro de Tomaz de Aquino com Alberto Magno representa um facto de extraordinária transcendência na História da Cultura.” (AMEAL, 1947, p. 53)



O prestígio de Tomás vai crescendo, e ele tornou mestre na Universidade de Paris, um dos polos intelectuais do mundo naquele século. O Papa Urbano IV também solicitará a sua colaboração, e tornar-se-á amigo do grande Rei Luis IX (São Luis Rei da França).

Tomás, inserido no período do descobrimento das obras do Filósofo Peripatético, viveu a grande turbulência do confronto entre a fé cristã e os argumentos aristotélicos. Alguns de seu tempo desejavam tomar Aristóteles sem nenhum processo de purificação, como os que seguiam a visão averroísta, e outros ainda desejavam expungar todo o pensamento aristotélico. Tomás, que sabe que nem tudo do pensamento do Peripatético pode ser compatível com a Verdade Revelada, não é um mero compilador, ou comentador de suas obras, mas é um verdadeiro filósofo, que irá debruçar seu pensamento sobre o pensamento aristotélico, fazendo assim, um novo pensamento.

Escreveu incontáveis obras tendo como principais as Sumas Contra os Gentios e a Suma Teológica, sendo esta última a principal obra do autor, que a escreveu para sistematizar o estudo de teologia dos estudantes, substituindo assim o manual de Pedro Lombardo até então utilizado. No entanto, a Suma Teológica não foi terminada pelo autor, mas por Reginaldo de Piperne. Apesar de sua grandeza teológica, e de sua magna obra carregar o nome de “Summa Theologiae”, sabemos que Santo Tomás não é apenas teólogo, mas é também um verdadeiro filósofo:

“A filosofia tomista é também uma filosofia leal, realista, onde não há súbitas e cômodas evasões para mistérios que se declaram evidentes – mas progressão racional do conhecido para o desconhecido. Ainda a quem é vazio de crenças, a teologia do Doutor Angélico não interesse, deve ser a sua filosofia útil e benéfica. Nenhum autor respeita melhor a necessária distinção entre ambas-embora faça da primeira, dentro duma bem ordenada jerarquia de valores a cúpula da segunda.” (AMEAL, 1947, P. 147)

Ainda entre as obras do Doutor Angélico se encontram diversas questões disputadas, que era um método do período escolástico, em que a partir de determinado tema os alunos apresentavam objeções e o mestre apresentava as soluções, após isso estas questões eram compiladas. Entre estas questões disputadas temos as duas utilizadas por nós neste trabalho: Questões disputadas sobre a alma e a Questão disputada sobre a imortalidade da alma.

Após grande contribuição nesta terra, Tomás de Aquino já cansado, é convocado pelo Papa para participar de um Concílio que ocorreria na cidade de Lião, mas incapaz de realizar

viagem tão longa, só assim o faz devido a obediência. No entanto expira no dia 7 de Março de 1274 no Mosteiro Cisterciense de Fossa Nuova.

Após a sua morte os conflitos sobre a sua doutrina permanecem, nesse contexto, interdições serão decretadas a respeito dos seu escritos, devido a condenações feitas às obras de Aristóteles. Tais interdições ao seu pensamento influenciará a filosofia de Duns Escoto e posteriormente o nominalismo de Guilherme de Ockham, que se oporá ao essencialismo de Santo Tomás. No entanto, a 18 de julho de 1323 o Papa João XXII publicou a Bula de sua canonização e muitos papas elogiarão a sua doutrina. A 11 de abril de 1567, através da *Bula Mirabilis Deus*, o Papa São Pio V o declarou Doutor da Igreja, com o título de Doutor Comum. Sua Filosofia foi assumida em toda a formação católica, a ponto de ser chamado por muitos como o Doutor Comum ou Universal.

Tendo feito um breve relato biográfico sobre o nosso autor, passaremos agora a apresentar propriamente o tema do nosso trabalho, que é a alma humana.

## CAP. II – AS INFLUÊNCIAS QUE OPERARAM NO PENSAMENTO DE TOMÁS DE AQUINO.

### 2.1- Visão Grega sobre a alma

No livro “A Cidade Antiga”, que trata das diversas tradições da cultura grega, podemos ver que a incorruptibilidade da alma, é uma crença que provém dos primórdios desta cultura.: “As mais antigas gerações, muito antes ainda de existirem filósofos, acreditavam já em uma segunda existência passada para além desta nossa vida terrestre. Encaravam a morte, não como decomposição do ser, mas como simples mudança de vida.” (COULANGES, 1981, p.15), ou seja, a crença de um mundo posterior, já é antiga, e embora não houvesse definições como céu, inferno e purgatório, como já era definido no período do doutor angélico, se cria que ou a alma, rondava entre os seres vivos, ou ficava sob a terra no túmulo, ou ainda habitava o mundo dos mortos (*Hades*).

Embora, não existisse uma definição doutrinária única para os destinos das almas, as práticas religiosas deste povo demonstram a crença em um mundo após a morte. Alguns criam que as almas viviam junto aos homens, outros que ela permanecia unida ao corpo, e por isso ornavam os túmulos que seriam necessários para esta vida:

“Desta crença primitiva surgiu para o homem a necessidade de uma sepultura. Para a alma se fixar na morada subterrânea destinada a esta segunda vida, impõe-se, igualmente, que o corpo, ao qual a alma está ligada, seja coberto de terra.” (COULANGES, 1981, p.18).

Com isso vão surgindo crenças onde, a alma que não tivesse túmulo seria desgraçada ou errante, e também por não receberem oferendas dos vivos, elas assim os atormentariam. Vemos tais práticas herdadas pelo cristianismo, nos sufrágios oferecidos às almas do purgatório, que seriam estas oferendas para, que elas também alcancem a beatitude eterna. essa crença da imortalidade influenciou todo o pensamento grego. Nos grandes poetas, o tema da imortalidade da alma é evidenciado, como na literatura de Homero, que influenciou toda a formação do mundo grego. Chegando ao período dos filósofos, este tema da alma humana foi abordado por Heráclito e Parmênides.

No entanto, as definições de alma entre eles também foram distintas. Em grego o termo alma (*psyché*), provém do verbo *psychós*, que significa respirar. Ou seja, na visão grega alma e vida possuem o mesmo significado, portanto ela é entendida como o princípio da vida, sendo o corpo sem a alma chamado de *soma*.

Os pitagóricos e órficos, compreendiam a alma como de natureza divina e imortal, no entanto, a viam como amarrada a um corpo. A prisão da alma no corpo era vista por estes grupos filosóficos como um castigo, um exílio, e por isso através de um ascetismo, com um desprezo do corpo, isto deveria ser superado para elevar a alma. Para os pitagóricos a filosofia era uma das maiores armas de libertação da alma, porque através da abstração saía do mundo sensível.

“Pitágoras parece ter sido o primeiro filósofo a sustentar a doutrina da metempsicose, quer dizer, a doutrina segundo a qual a alma, devido a uma culpa originária, é obrigada a reencarnar-se em sucessivas existências corpóreas (e não apenas em forma humana, mas também em formas animais) para expiar aquela culpa.” (REALE, 1990, p. 45)

Tal visão descrita acima influenciou tanto o pensamento grego, que Platão, embora não seguidor de tais pensamentos, herdou algumas características. Nos relatos feitos por Platão sobre Sócrates, vemos que depois dele ouvir as palavras dos últimos naturalistas, ele se interessa sobre o problema do homem. Diferentemente dos filósofos naturalistas que buscavam saber a realidade última das coisas, Sócrates, busca a realidade última do homem.

“Finalmente, a resposta é precisa e inequívoca: o homem é a sua alma, enquanto é precisamente a sua alma que o distingue especificamente de qualquer outra coisa. E por ‘alma Sócrates entende a nossa razão e a sede de nossa atividade pensante e eticamente operante.” (REALE, 1990, p. 87)

A partir de tal posição Socrática sobre a alma, de que é a inteligência (*psyché*), que se serve do corpo, se valorizará o conhecimento de si mesmo. Isto influenciará toda a reflexão crítica de Sócrates, já que para ele, os verdadeiros valores não são os exteriores, mas sim os valores da alma, que se resumem todos no conhecimento.

Nos últimos acontecimentos da vida de Sócrates, quando este está para morrer, afirma que está tranquilo, porque permanecerá existindo. Ou seja, afirma a crença na imortalidade da alma. E diz que após a morte estará contemplando as ideias em uma suma felicidade. E Sócrates apresenta quatro argumentos para provar a sobrevivência da alma: Crença difusa do ciclo eterno dos contrários, a imortalidade toma a forma de metempsicose; doutrina da reminiscência; o parentesco entre a alma e as realidades espirituais e alma como aquilo que dá vida ao corpo.

Seguindo o primeiro argumento, Sócrates cria na existência de um ciclo de contrários, o frio torna-se quente, o quente torna-se frio; o seco torna-se úmido, o úmido torna-se seco, etc. Da mesma forma a vida se transforma em morte e a morte se transforma em vida. Acontecendo assim a transmigração das almas.

No segundo argumento, seguindo a metempsicose, como as almas fazem esta transmigração, após a morte elas vão para o lugar onde contemplam as ideias. Então, a partir da maiêutica de Sócrates, ele afirma que não ensina nada as pessoas, mas as suas perguntas fazem com que as pessoas se recordem o que elas já sabiam, ou que aprenderam nas vidas passadas, ou que aprenderam a partir da contemplação das ideias.

No terceiro argumento vemos que através deste parentesco entre a alma e as coisas espirituais, que é manifestado através de sua capacidade cognitiva, ao contrário dos sentidos que só são capazes de apreender o material e o individual, a nossa alma é capaz de captar conceitos separados da matéria, através da abstração. E por último como algo que dá vida ao corpo. Logo se a essência da alma é a vida, ela não pode morrer, e por isso, é imortal.

Os dois últimos argumentos serão de suma importância para o pensamento de Aristóteles, e portanto, de Santo Tomás de Aquino. Já os dois primeiros argumentos não são acolhidos para se provar a imortalidade da alma.

Platão, conceberá o homem de forma dualista, e colocará oposição entre a alma e o corpo. E nele o corpo é visto como um cárcere da alma. Platão chegou a considerar que estamos mortos, por estarmos encerrados em um corpo, por ser ele uma tumba. E morrendo neste corpo, alcançaremos a vida, já que com a morte, a alma será liberta deste cárcere.

“Entretanto, feitas essas observações, é importante considerar que a ética platônica se apresenta apenas parcialmente condicionada por esse dualismo exacerbado. Seus teoremas e corolários fundamentais, na verdade, apoiam-se na distinção metafísica entre a alma (ser dotado de afinidade com o inteligível) e o corpo (realidade sensível), muito mais do que na contraposição, derivada do mistério órfico, entre a alma (demônio) e o corpo (tumba e cárcere)” (REALE, 1990, p. 154).

Seguindo o preceito Socrático do cuidado com a alma, Platão insistirá neste tema, mas ele afirma que este cuidado com a alma é a sua purificação. Esta purificação ocorre quando se conquista o mundo inteligível e espiritual. Platão expõe esta sua doutrina nos livros: *Fédon* e *A República*.

A psicologia (Doutrina da alma, *psyché*) de Aristóteles, está dentro do estudo da física, tal filosofia exercerá grande influência sobre o pensamento do Filósofo Aquino.

“Em seus primeiros diálogos, Aristóteles ainda teria permanecido fiel à concepção platônica de alma, a qual aparecia como claramente oposta ao corpo. Num período de transição ao qual não correspondem, aliás, senão textos menos importantes, ele teria começado a aproximar os dois termos. Por fim, em suas grandes obras apossou-se de sua doutrina capital, que imprime sua marca em

toda a sua psicologia: a doutrina da alma forma do corpo. Assim, o problema em torno do qual a psicologia de Aristóteles progressivamente adquiria sua consistência original era o das relações da alma e do corpo.” (GARDEIL, p.19)

Aristóteles, porém, rompeu com o seu mestre na concepção da alma humana, já que Platão, concebia o corpo como um cárcere para a alma e não enxergava um composto entre ambos, como séculos depois afirmará o próprio Doutor Angélico: “[...] Platão [...] dizia que toda a natureza específica está na alma, definindo o homem não como um composto de alma e corpo, mas como uma alma que se utiliza de um corpo.” (TOMÁS DE AQUINO, 2012, p. 43)

O Pensamento de Aristóteles sobre a alma, receberá grande atenção em seus escritos, tendo na obra “*De Anima*” a sua expressão mais concreta: “O Estagirita dedica atenção muito particular aos seres animados, elaborando grande quantidade de tratados, dentro os quais se destaca pela profundidade, a originalidade e o valor especulativo, o célebre tratado Sobre a alma.” (REALE, 1990, p. 196)

Analisando a etimologia da palavra alma, vemos que ela provém do latim, *anima*. Na concepção Aristotélica, os seres animados, são aqueles que possuem alma, e os seres inanimados são aqueles que não possuem alma. E o que diferencia ambos os seres? Os seres inanimados, que não possuem alma, não possuem vida. Neles não há movimento, nem de geração, crescimento ou nutrição.

Aristóteles coloca o ser animado como um ser organizado (possui órgãos), ou seja, composto de partes heterogêneas ordenadas entre si. Um vegetal, por exemplo, compreenderá as raízes, o caule, os galhos e as folhas; nele, a estrutura diversificada permite que um conjunto harmonioso de funções seja exercido em vista da perfeição do ser total. As partes de um corpo mineral simples, pelo contrário, são todas homogêneas – pelo menos quanto ao que nos é permitido observá-las a partir de nossa perspectiva (GARDEIL, p.24). Assim, as formas de vida que mais se assemelham aos seres inanimados pertencem ao grau mais baixo de vida, e os mais próximos dos seres superiores pertencem ao grau mais elevado. A alma humana está acima, tem supremacia, perante o universo das coisas criadas. Ela é a forma do corpo, mantém-se presa ao corpo; mas ultrapassa-o, na medida em que pertence ao mundo das formas (cf. SUMA TEOLÓGICA I-I, Q. 76, art 1, Resp.)

Na visão de Aristóteles a alma é pensada como uma tripartição, e assim, também a vida, colocando-a em três graus: a vida vegetativa, a vida sensitiva e a vida intelectual. E por isso a alma tem funções que regulam estas formas de vida. Numa escala hierárquica, o grau mais ínfimo de vida é o vegetal. A alma vegetativa é a mais elementar, tal alma regula e governa as

atividades biológicas. Segundo Reale, ela possui três causas que são a do acréscimo, da nutrição e da reprodução. Colocando nesta última uma belíssima passagem do filósofo peripatético, onde coloca a reprodução como a eternidade, já que toda forma de vida é feita para este fim, posto que através da reprodução se perpetua a espécie.

Os animais, que estão um grau de vida acima dos vegetais, possuem a alma sensitiva. Como já denuncia o seu nome, sua primeira função é a sensação: “Da sensação derivam a fantasia, que é produção de imagens, a memória, que é a sua conservação, e, por fim, a experiência, que nasce da acumulação de fatos mnemônicos.” (REALE, 1990, p. 200). Nesta forma de vida, se tem também o apetite e o movimento. Todos os animais, possuem ao menos um sentido, e do movimento deriva o desejo que é uma espécie de apetite.

Por fim, o mais alto grau de vida, que é a vida humana, corresponde à alma intelectual, que torna-a plenamente humana, tal capacidade realizada no mundo criado influenciará no seu *telos* que é a felicidade.

## **2.2- Visão cristã sobre a alma.**

Vimos no ponto acima a problemática da imortalidade da alma no horizonte grego que muito influenciará o pensamento de Santo Tomás. Nessa altura de nossa pesquisa vamos expor a concepção cristã da alma que será de singular importância para a filosofia tomista à respeito da imortalidade da alma.

Embora esta monografia pertença ao campo filosófico, não podemos esquecer que nosso autor é também teólogo, e por isso, os fundamentos bíblicos e da tradição cristã influenciarão a sua concepção de alma humana.

“A filosofia tomista é também uma filosofia leal, realista, onde não há súbitas e cômodas evasões para mistérios que se declaram evidentes – mas progressão racional do conhecido para o desconhecido. Ainda a quem é vazio de crenças, a teologia do Doutor Angélico não interesse, deve ser a sua filosofia útil e benéfica. Nenhum autor respeita melhor a necessária distinção entre ambas-embora faça da primeira, dentro duma bem ordenada jerarquia de valores a cúpula da segunda.” (AMEAL, 1947, P. 147)

### **2.2.1 – Sagradas Escrituras**

As Sagradas Escrituras são repletas de passagens que permitem a crença na imortalidade da alma. No relato da criação, vemos que além do corpo, feito do barro, existe uma substância concedida pelo sopro Divino que anima este corpo, desse modo, vemos no relato que: “[...]o

Senhor Deus modelou com o pó do solo, o homem e soprou-lhe nas narinas o sopro da vida; e o homem tornou-se um ser vivo.” (Gn 2,7). Esta afirmação bíblica está em conformidade com o pensamento grego, de que existe “algo”, que dá vida ao corpo, e é esta substância “desconhecida” que denominamos alma.

Muitas outras passagens bíblicas tratarão sobre a alma humana, no entanto, no Antigo Testamento, as passagens do Livro da Sabedoria, que é um escrito do tempo da helenização, são as que mais dão fundamento para a crença na imortalidade da alma.

“As almas dos justos, porém, estão na mão de Deus, e nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos parecem ter morrido; sua saída do mundo foi considerada uma desgraça e sua partida do meio de nós, uma destruição, mas eles estão na paz. Aos olhos humanos parecem ter sido atormentados, mas sua esperança é cheia de imortalidade” (Sb 3, 1-4).

Já no Novo Testamento, vemos uma discordância entre os judeus sobre o destino da alma. Em meio a um conflito de São Paulo com os fariseus e saduceus, ele insere o tema da ressurreição dos mortos para escapar da contenda e o escritor sagrado escreve: “Com efeito, os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito, enquanto os fariseus sustentam todas essas coisas” (At 23, 8).

Esta citação, prova que este tema ainda não estava definido na religião judaica, contudo, esta não é uma dúvida no cristianismo. Afinal, esta fé está fundada na Ressurreição de Cristo, e assim também de todos os mortos. Não nos alongaremos com citações sobre o assunto, mas vemos que na descrição do juízo final, o Evangelho de São Mateus, nos apresenta que haverá uma alegria eterna e um castigo eterno (Mt 25, 31-46). E o mesmo São Paulo, fala sobre deixar este corpo para ir habitar com o Senhor, que seria este o fim da alma humana na concepção do Apóstolo (cf. II Cor 5, 6-8), desse modo percebemos intuitivamente que as questões sobre a alma, já ocupavam um lugar privilegiado nas comunidades apostólicas.

### **2.2.2 – Filosofia Cristã**

O Cristianismo, que tem como verdade de fé a ressurreição e a incorruptibilidade da alma entrou em choque no encontro com a Filosofia Grega, que pensava diversamente disso, contudo já que esta é um dos pilares do cristianismo desde os primeiros séculos do Cristianismo os Padres Apostólicos perceberam que a filosofia grega era um instrumento para a difusão da doutrina cristã. Em São Justino (séc. II) já vemos o uso da filosofia platônica em seus escritos. E, portanto, trabalhava filosoficamente, o que a fé cristã professava, como a Ressurreição dos mortos e a imortalidade da alma, nesse ínterim, Justino afirma: “Eu sou cristão, glorio-me disso



e confesso, desejo fazer-me reconhecer como tal. A doutrina de Platão não é incompatível com a de Cristo, mas não se casa perfeitamente com ela” (REALE, 1990, p. 200).

No tema da alma, Justino, percebe que a visão Platônica deve ser reformada, por não ser compatível com a verdade cristã e defende a incorruptibilidade da alma como um dom dado por Deus, e não por sua própria natureza, de fato, Platão influenciou bastante o pensamento cristão medieval. Santo Agostinho que era neoplatônico e influenciou toda a cristandade, recolhe a concepção platônica de alma como uma substância absolutamente autônoma ao corpo, de modo que, este último funcionava como cárcere para ela.

Em certo, sentido a Filosofia Cristã inspirou-se em duas grandes concepções sobre a alma que dividiram os espíritos na antiguidade: uma, mais espiritualista, com Platão que considerava que o homem não é um composto de corpo e alma, mas toda a natureza está na alma, pois ela possui uma natureza específica e completa. Em sua concepção o homem é uma alma que utiliza um corpo. E Santo Tomás compara a visão de Platão ente a alma e o corpo com a relação existente entre um piloto e seu navio ou entre o que está vestido com suas vestes. (TOMÁS DE AQUINO, 2012, p. 43).

Outra concepção é mais empirista, com Aristóteles e sua escola que concebe a alma como o princípio da vida, por isso, “dizemos que os seres animados são vivos e as coisas inanimadas carecem de vida” (SUMA TEOLÓGICA I-I, q 7, art. 1, Resp.). Sem a alma seríamos um corpo inerte, de modo que tem vida, tem a vida, tal alma pode ser vegetativa, sensitiva ou intelectiva. A alma é a forma do corpo, mantem-se presa ao corpo; mas ultrapassa-o, na medida em que pertence ao mundo das formas (SUMA TEOLÓGICA, I-I, q. 76, a. 1, Resp.).

Haurindo dessas duas correntes Tomás irá conceber a alma como uma substância, já que apenas a uma substância pode constituir um princípio primeiro. Porém a alma humana não é espírito puro, porque o seu caráter específico é o de tender a união com seu corpo e não é uma substância completa, porque não pode, por si só, realizar todas as suas operações, como as da vida vegetativa e sensitiva.

### **2.3 - Debates sobre a alma no século XIII**

O século XIII, no qual está inserido nosso autor, foi um século de grandes descobertas, pois foi quando as obras de Aristóteles chegaram ao ocidente. Neste período temos grandes

sistematizações da relação entre a fé e a razão (Cf. REALE,1990, p.530-610). Aristóteles foi apresentado ao Ocidente primeiramente por Avicena (Ibidem, p. 532). E devido algumas doutrinas estranhas serem defendidas pelo filósofo árabe, os pensadores medievais, consideraram, que o pensamento Aristotélico continha erros e por isso, a adesão ao seu pensamento foi lenta e dificultosa.

O tema da alma é um dos mais complexos de aceitação, já que alguns filósofos árabes já haviam interpretado a posição aristotélica distintamente da concepção cristã. Mas para responder isso, Tomás escreveu uma obra chamada *Quaestiones Disputatae De Unitate Intellectus Contra Averroistas*. Já que estes concebiam um intelecto único para todos, não sendo assim a alma individual. A doutrina monopsiquista até aceitava a imortalidade da alma após a separação com o corpo, mas não de maneira individual.

A visão de Platão, já trabalhada brevemente acima, dificulta a crença na imortalidade da alma formulada por Santo Tomás, pois vincula a alma ao corpo, tornando mais difícil pensar na sobrevivência autônoma da alma após a corrupção do próprio corpo. Este é um dos motivos da dificuldade em aceitar suas doutrinas por grandes pensadores medievais, inclusive São Boaventura, para ele, o ser humano possuía as três almas dentro de si, mas Santo Tomás, como um verdadeiro defensor da unidade do ser, afirmava que assim não era, mas as almas mais elevadas, também exerciam as funções das almas mais baixas. Sendo assim, a alma intelectual realizava as operações tanto da alma sensitiva quando da vegetativa. E a alma sensitiva também realizava as operações da alma vegetativa, pois tudo o que é superior executa as funções inferiores.

No homem o que o define como animal é a alma sensitiva, e o que o define como racional é a alma intelectual. Portanto, não convivem no mesmo homem a alma intelectual, sensitiva e vegetativa, mas a alma intelectual contém virtualmente toda a realidade da alma sensitiva e alguma coisa a mais (SUMA TEOLÓGICA, I- I, q. 76, art.3, ad quartum.). Mas se a alma e o corpo são uma unidade, como se provar que após a deterioração do corpo que a alma subsiste e é, portanto, imortal? Com isso Santo Tomás desenvolverá a sua doutrina a partir da filosofia de Aristóteles, como veremos no próximo capítulo.

### **CAPÍTULO III – A IMORTALIDADE DA ALMA NA CONCEPÇÃO DE SANTO TOMÁS DE AQUINO.**

Tendo percorrido os dois primeiros capítulos desta monografia, chegamos ao seu ponto de culminância, no qual trataremos especificamente de nosso tema da imortalidade da alma.

#### **3.1 – Linhas Gerais sobre o que é a alma em Santo Tomás**

Como já ressaltamos a influência exercida por Aristóteles na filosofia de Santo Tomás, podemos falar a respeito do tema da alma, que: “Fundamentalmente, posto de lado o problema da imortalidade, sua doutrina reproduz fielmente a de seu mestre” (GARDEIL, 2013, p.31).

A alma em geral é o ato primeiro de um corpo organizado, tornando-o capaz de exercer as funções da vida. Ela é uma forma, logo é um ato; enquanto o corpo é a matéria e, portanto, a potência. Como todo ato, a alma não pode ser conhecida diretamente, mas pode ser inferida ou afirmada por um juízo a partir dos seus efeitos. Então, na filosofia tomasiana os corpos são divididos em inanimados e animados. Os primeiros são aqueles que não possuem alma e por consequência não possuem vida, eles são naturalmente inertes. Já os precedentes que possuem alma, possuem movimento, parecem crescer, mudar, e alguns podem mover-se no espaço a partir de uma “energia interna”.

“Para Santo Tomás, como para Aristóteles, cuya doctrina se limita a seguir en este caso, el alma no se limita a mover un cuerpo, sino que primero hace que el cuerpo exista. Un cadáver no es un cuerpo. El alma hace existir como tal. Ella es la que reúne y organiza los elementos que hoy día llamamos bioquímicos (elementos orgánicos e inorgánicos, mas nunca informes) para que formen el cuerpo vivo” (GILSON, 1951, p 265).

Para o Aquinate, a alma é o primeiro princípio da vida e a forma do corpo, seguindo a definição aristotélica. A alma é uma e única e indivisível e está presente em todas as partes do corpo. Diferente da concepção platônica que acreditava na existência de várias almas dentro do mesmo ser, ela é também imaterial e incorpórea. (Cf. TIMEU, 69 E-70 A; REPUBLICA IX, 580 D – 581 C).

É a alma que faz com que o corpo, seja tal corpo específico, e como a alma humana é intelectual, Santo Tomás é categórico ao afirmar que o homem é homem na medida em que é racional (Cf. TOMÁS DE AQUINO, 2012, p. 39), no entanto, esta alma precisa estar unida a um corpo. E nisso, vemos a grande defesa do Doutor Angélico que afirma categoricamente a unidade existente entre o corpo e a alma (*sínolo*).

A alma é uma substância, porque existe em si e não em outra coisa, e apenas uma substância pode constituir o princípio primeiro, porém, no hilemorfismo aristotélico<sup>1</sup> defendido por Tomás, é proposto que a matéria prima e a forma substancial são substâncias incompletas, e que se faz necessária a união entre ambas para se ter uma substância completa. Portanto, a alma é uma substância, por ser a forma, mas ela só se torna uma substância completa quando está unida ao corpo, que é a matéria. Mas é a forma substancial que determina a especificação de cada corpo, enquanto espécie, e a matéria garante a individuação. (Cf. AMEAL, 1947, p. 321)

Como a unidade do ser humano é ponto central na concepção tomasiana de alma, a justificativa platônica não lhe é compatível, já que para o grande filósofo grego a união entre alma e corpo é acidental e não substancial e com a separação de ambos através da morte não haveria uma corrupção substancial, o que Santo Tomás afirma como evidentemente falso (Cf. TOMÁS DE AQUINO, 2012, p. 43).

“O homem é fruto dum misterioso himeneu entre a natureza e o espírito. O íntimo parentesco destas duas frações de ser, torna-se em nós bem visível pela clareza com que os caracteres próprios de cada uma se manifestam. Daqui uma multidão de contrastes que, todavia, não são contradições” (SERTILLANGES, 1951, p. 78).

### 3.2 Como a alma organiza o corpo?

A primeira função da alma é dar vida ao corpo, fazendo com que ele cresça e se nutra, sendo estas ações, como afirma, Sertillanges uma geração continuada. Sua função como forma é dar a espécie. Mas tal função é realizada pelo composto: “Numa palavra, na nutrição, crescimento e reconstituição do ser vivo, a alma age pelas propriedades corporais; as propriedades corporais agem dirigidas pela alma.” (SERTILLANGES, 1951, p. 73).

Para organizá-lo ela se une ao corpo, transformando-se num único ser. Ela move o corpo não como um motor, mas como parte constitutiva desta união entre alma e corpo. A compreensão das ciências modernas sobre compostos, como a química e a biologia, pode nos ajudar a compreender melhor o que é a união entre alma e corpo. Por exemplo, temos a água, que é um composto de hidrogênio (H) e oxigênio (O), formando assim a água (H<sub>2</sub>O). Nós concebemos a água como uma substância única. Também podemos tomar como exemplo um corpo organizado, que é formado por células, átomos e órgãos, mas quando analisamos o corpo

---

<sup>1</sup> Doutrina que defendia que o ser humano é feito de matéria e forma.

quanto tal, assim o fazer a partir de sua unidade. Assim, embora a alma e o corpo sejam partes distintas do ser humano, este deve ser visto como o composto entre ambas. Este é o ponto chave da concepção anímica do Doutor Universal.

Então seguindo a tripartição da alma apresentada por Aristóteles, Santo Tomás coloca a alma humana na mais elevada entre as criaturas materiais, mas reconhece o ser humano inferior às criaturas espirituais.

El hombre, que desde el punto de vista de la perfección, ocupa el lugar que sigue inmediatamente al de los ángeles, sólo aparece al término de la creación, de la que sin embargo constituye el verdadero fin. Para él fueron creados los astros incorruptibles, dividió Dios las aguas de los cielos, fué descubierta la tierra anegada por las aguas, y poblada de animales y plantas (GILSON, 1951, p. 247).

Tratando da alma intelectiva, ele diz que possui primazia em relação as demais almas, porque a operação própria do homem, enquanto é homem, é conhecer (COMENTÁRIO À METAFISICA I, n.3). E Santo Tomás afirma que é por isso que ele se distingue das demais coisas. Aristóteles divide o intelecto em passivo e ativo, onde no primeiro, a alma tem a capacidade de receber intencionalmente a coisa inteligível e se transformar nele. E no segundo a alma capta a sensação e a transforma numa espécie inteligível, ou seja, transformando aquilo em um conceito capaz de ser refletido pelo ser humano.

O intelecto ativo, portanto, produz algo dentro de nós. Quando observamos três objetos iguais, que até então eram desconhecidos, passamos a formular conceitos sobre eles. Portanto este intelecto é considerado por Aristóteles como separado. Isto não compactua com a visão dos árabes de que o intelecto está fora de mim, mas sim de que ele não necessita de nenhum órgão, como define Santo Tomás tal argumento Aristotélico.

Santo Tomás também considera que é natural à alma unir-se a um corpo, já que ela é a finalidade do corpo e recebe as espécies inteligíveis a partir das coisas exteriores, ou seja, a partir dos sentidos. Entre os sentidos, o Aquinate coloca como fundamento dos demais, o tato, já que Aristóteles afirma que é primariamente por meio deste sentido que o homem é denominado como animal (Cf. DE ANIMA II, 2 413b 2-5).

Aristóteles também, afirma que o ser humano possui o tato mais apurado do que os demais animais. Por isso o homem é mais hábil para entender (cf. De Anima II, 9, 421a 20-26), e assim, parece-se que o ser-humano é o término mais perfeito da natureza inferior. Também se fala da característica biológica do homem, onde a cabeça é colocada sobre o corpo, para que

assim seja mais livre, e tenha boa relação entre as potências sensitivas interiores, como a imaginação, a memória e a virtude cogitativa (Cf. TOMÁS DE AQUINO, 2012, p. 173).

### **3.3-Contraposições com outras correntes filosóficas**

Em nossa reflexão não podemos esquecer que Santo Tomás acima de Filósofo, é um teólogo, ele considera a questão da Imortalidade da alma como uma verdade de fé, mas que pode ser alcançada racionalmente através da filosofia.

Portanto, para defender a posição católica de uma alma imortal, individual, ele argumenta contra as proposições: materialista, onde não existiria vida após a morte; pitagórica e platônica sobre a metempsicose e a doutrina monopsiquista de Averróis.

Para Santo Tomás a alma intelectual é uma substância que não depende do corpo, individual, posto que, para cada ser humano gerado, é infundido nele uma alma e que após a destruição do corpo essas almas permanecerão separadas, não transmigrando para outros corpos. A alma é uma substância que pode ter uma existência desligada do corpo, ao contrário das vidas vegetativa e sensitiva.

O homem é um corpo e como todo corpo, é constituído de matéria e de forma substancial. É um ser vivente, e como todo ser, tem uma forma substancial de tipo particular, que recebe o nome de anima, alma. Já nos demais seres viventes e não viventes, a forma substancial esgota todo o seu ser e ao formar a matéria, é o que se chama de forma material, não porque seja feita de matéria, mas porque forma a matéria.

O Doutor Comum, afirma que alguns filósofos naturalistas não faziam distinções entre a alma humana e a dos animais, logo, não teria distinção entre classificar uma como imortal e a outra não, mas em Platão, já existe o reconhecimento do intelecto como argumento para a imortalidade, como vimos acima. E os animais, apenas possuem operações sensitivas, e nenhuma intelectual. Se apenas o inteligir proporciona a imortalidade, logo estas almas não subsistem. (Cf. SUMA TEOLÓGICA, I-I q, 75; a. 3 Solução). Em todos os animais, toda atividade, mesmo a mais elevada está sempre intrinsecamente ligada à matéria, à atividade de um sujeito material, neles não há pensamento, nem mesmo vontade livre.

A forma substancial do homem não é material, porque não esgota a sua realidade no informar a matéria prima, mas tem em seu ser uma existência própria, independente de matéria.

Enquanto nos outros seres “aquilo que existe” (a substância) é apenas o composto de matéria e forma, no homem “aquilo que existe” é certamente composto, mas a existência

pertence antes que tudo e originariamente à alma, que é considerada uma forma substancial *sui generis*, uma forma substancial subsistente.

A alma é espiritual porque não tem composição de matéria, pois uma coisa espiritual não é composta, mas simples, e por isso não pode degradar-se. Convém a nós lembrar que para Santo Tomás, a substância mais simples que existe é Deus, que é eterno. Dessa maneira assim afirma: “Todo composto de matéria e de forma é corpo; pois a quantidade dimensiva é o que primeiro inere à matéria. Ora, como se mostrou, Deus não é um corpo. Logo, não é composto de matéria e de forma” (SUMA TEOLÓGICA, I-I, q.3, a.1-2.).

Santo Tomás compara a visão de Platão entre a alma e o corpo com a relação existente entre um piloto e seu navio ou entre o que está vestido com suas vestes. Porém, ele é contra tal opinião, visto que, sabe que o que dá a vida ao corpo é a alma, e é pela alma que o homem tem o ser em ato, e por isso que ela é a forma. Já que viver, para os viventes, é ser. Para santo Tomás a alma humana é a forma do corpo. Nesse ínterim, o Aquinate refutando a visão de alma e corpo de Platão, pensa que se a alma estivesse no corpo como o piloto no navio, seguir-se-ia que a união da alma ao corpo seria acidental e por isso a morte, que provoca sua separação, não seria uma corrupção substancial, o que é evidentemente falso. “Representarse el universo material como el resultado de cierta decadencia y la unión del alma con el cuerpo como la consecuencia de una caída, sería salirse completamente de la perspectiva tomista.” (GILSON, 1951 p. 269)

Platão também prova a imortalidade da alma a partir do movimento, mas o Doutor Angélico, demonstra que, se o movimento é causa da imortalidade, os animais também seriam imortais, o que repugna a fé e contraria a razão, “porque não há nenhuma operação nos animais a não ser a que é exercida pelo corpo.” (A imortalidade da alma, p. 39)

Tomás também combate a doutrina Platônica a respeito da multiplicidade de almas existente no mesmo corpo. Como nos animais a possibilidade de existirem a alma vegetativa e sensitiva, e no ser humano existirem ao mesmo tempo as almas vegetativa, sensitiva e intelectual. Ele se confronta com a visão averroísta de alma. Para o filósofo árabe, a alma sendo imaterial, seria apenas uma por espécie, e por tanto a alma humana é a mesma para todos. Logo, se a alma humana é o princípio da inteligência, só existe uma inteligência humana, no entanto como já dissemos, Santo Tomás escreverá uma obra, “*Quaestiones Disputatae De Unitate Intellectus Contra Averroistas*”, onde refutará tal doutrina. Ele conclui que é impossível que exista apenas uma inteligência para toda a espécie humana, já que as inteligências humanas conhecem o mesmo objeto de maneiras distintas. E se um mestre possui a mesma inteligência

do discípulo, não há sentido nesta transmissão de ciência, pois no pensamento de Tomás isto não passa de um sofisma. (cf. AMEAL, 1947, p. 374)

### **3.4 O lugar da alma humana na hierarquia dos seres.**

Na escala do ser, o ser humano está na fronteira entre as criaturas puramente espirituais, os anjos, e as criaturas puramente materiais. O homem segue imediatamente o lugar dos anjos. Para ele, a alma é algo concreto no sentido de que pode subsistir por si, não possuindo em si uma espécie completa, mas perfazendo a espécie humana na medida em que é forma do corpo. Assim, é ao mesmo tempo forma e algo concreto (Cf. TOMÁS DE AQUINO, 2012, p. 45)

Fazendo a distinção entre as criaturas espirituais e a alma humana, o Doutor Universal contrapõe a afirmação de Orígenes de que ambas são da mesma espécie, onde para ele, tanto a alma humana, quanto os anjos seriam compostos apenas de forma, e portanto neles não haveria distinção material como nos seres humanos. No entanto é da própria essência da alma unir-se a um corpo.

Na escala dos corpos inferiores aos superiores, Santo Tomás coloca os seres inanimados, compostos apenas de matéria no grau mais baixo, acima disso os corpos mistos, acima as almas das plantas, acima a dos animais e por fim as almas humanas que se assemelham às substâncias superiores também quanto ao gênero de seu conhecimento, porque podem conhecer as coisas imateriais inteligindo. (Idem)

Porém as almas humanas são inferiores a essas substâncias superiores, por ser da natureza da alma humana adquirir o conhecimento intelectual imaterial a partir do conhecimento das coisas materiais, que se dá mediante os sentidos. Embora não necessite de nenhum órgão corpóreo para inteligir.

“Assim, pelo tipo de operação da alma humana, é possível reconhecer qual é seu modo de ser. Pois, na medida em que sua operação transcende às coisas materiais, seu ser se encontra acima do corpo e é independente dele; mas na medida em que por natureza tem de adquirir um conhecimento imaterial a partir do material, é evidente que não pode estar completa sua natureza específica sem sua união ao corpo. Porque uma coisa não pode ser especificamente completa se não possui todo o necessário para sua operação específica. Portanto, se a alma humana, enquanto está unida ao corpo como forma, tem porém seu ser elevado acima do corpo e é independente dele, é patente que se acha estabelecida na fronteira entre os entes corpóreos e as substâncias separadas.” (Cf. TOMÁS DE AQUINO, 2012, p. 45, 47)

Neste parágrafo Tomás é claro em manifestar o motivo da alma humana ser superior em relação a todas as demais criaturas materiais, e inferior em relação as substâncias superiores.



Porque ela está justamente na fronteira ente o corporal e as substâncias separadas. Embora a alma possa subsistir por si mesma, ela não possui espécie completa, mas para isto lhe advém o corpo. (Cf. TOMÁS DE AQUINO, 2012, p. 47)

Enquanto a alma humana conhece a partir dos sentidos, os anjos possuem o conhecimento naturalmente infuso. E enquanto as criaturas angélicas estão próximas do intelecto divino, a alma humana é o intelecto mais distante.

### **3.5 - O Intelecto e a alma**

Admitindo o intelecto – princípio da operação intelectual – como a forma do corpo, fica evidente que o tema da imortalidade está intimamente ligada a esta potência da alma. No entanto, o Frade Dominicano, afirma que o intelecto é uma potência da da alma e não a sua essência, porque apenas em Deus o intelecto se identifica com a essência, e em todas as criaturas inteligentes, ele é uma potência (Cf. SUMA TEOLÓGICA, I, q. 79, a.1).

A intelecção é a operação própria da alma, se se atende ao princípio de que procede a operação: porque a intelecção não procede da alma mediante um órgão corporal, tal como a visão procede da alma mediante o olho. No entanto, o corpo se comunica com a intelecção mediante o objeto desta, pois os fantasmas, que são objeto do intelecto, não podem existir sem órgãos corpóreos. ((Cf. TOMÁS DE AQUINO, 2012, p. 49)

Diferentemente de qualquer órgão corporal, que ao ser usado, ele torna-se gasto, o intelecto, quanto mais utilizado, mais expansivo ele se torna. A alma tem certa dependência do corpo, na medida em que sem o corpo a alma não chega ao complemento de sua espécie. Entretanto, não depende do corpo no sentido de que não possa existir sem ele. (Idem)

No livro De Anima, Aristóteles afirma que o pensar, ao contrário do sentir, não tem necessidade de um órgão corporal por isso ele é incorpóreo, porque para poder receber todos os inteligíveis, necessita estar em potência com respeito a todos. Fazendo uma comparação com os órgãos sensitivos, que são limitados, podemos ver que através da vista, se nosso olho se depara com uma claridade maior do que o seu limite, fica-se cego. Ou se os ouvidos recebem algum ruído acima do seu limite, fica-se surdo. Mas no intelecto ocorre o oposto.

Não há nada que o intelecto não possa apreender, e além dele tomar as coisas espiritualmente, se ele tivesse um órgão corpóreo, ele não poderia apreender as coisas espirituais. Bem sabemos que os sentidos nos são importantes para apreendermos os objetos, mas apenas para recebê-los e conhecê-los, mas não para abstraí-los. Por isso, o nosso corpo é

útil, porque nossa alma só compreende através dele. E quanto mais o intelecto é exercitado se apreende melhor as coisas mais fáceis.

Como Santo Tomás, consegue identificar que a alma entende as coisas imateriais, portanto ela é imaterial. Os conceitos são apreensões imateriais. Embora, para apreender um conceito de algum objeto, se faz necessário a operação material sensitiva, quando se abstrai o objeto e forma-se o conceito, este é de caráter imaterial – entender os universais. Esta é uma argumentação Tomasiana para defender a incorruptibilidade da alma. Como um ato imaterial, a alma não pode ser conhecida diretamente, mas é inferida e afirmada por juízo através de seus efeitos.

A alma também está aberta a uma infinitude para entender, como já dito, demonstrando a ausência de limites, tornando assim, ilimitado, e assim, ultrapassando a matéria que é limitada. Santo Tomás também argumenta que a inclinação humana ao ser e ao bem também é uma prova da imortalidade da alma. Porque os animais, não tendem ao ser e ao bem, a não ser momentaneamente, por lhes causar algum bem momentâneo, mas no ser humano, diferentemente, esta tendência humana é permanente. Para Tomás a busca pelos fundamentos das coisas também demonstra uma característica de sua imortalidade.

### **3.6 – A importância da doutrina da alma**

A doutrina da alma de Santo Tomás, expressa o lugar iminente do ser humano na escala dos seres. A filosofia, que a partir de Sócrates passou a dar uma grande importância à interioridade, desenvolverá a antropologia humana a partir da alma humana. A definição aristotélico-tomista, da unidade do ser humano, permite uma antropologia de valorização do corpo, e a doutrina da imortalidade da alma não lhe é causa de detrimento ou contradição.

Tomás reconhece que não é irracional a dúvida sobre a imortalidade da alma, afinal, a defesa da eternidade da alma não é defendida pelo filósofo medieval. Apenas Deus é eterno e incorruptível, já a alma humana é produzida do nada, e logicamente deveria também tornar ao nada. Mas Tomás identifica a imortalidade como graça de Deus.

Não esquecendo que nosso filósofo tem por fim de sua filosofia o conhecimento de Deus, o ser humano sempre é analisado a partir do relato bíblico como feito à imagem e semelhança do Criador. Nesta imagem do criador, pode-se ver um verdadeiro parentesco de natureza. Por causa deste parentesco, os homens portam algumas marcas, e o homem pode ser identificado como imagem de Deus pela alma intelectual, já que os “brutos” não são a imagem

de Deus. Este tema é caro também aos filósofos modernos e contemporâneos, que tratam sobre a interioridade da vida e do espírito.

Esta prova da imortalidade da alma, é mais uma forma de conjugar os dados recebidos pela fé, com a razão, alcançando logicamente, as definições aqui defendidas. O adágio medieval, de que a fé busca o intelecto também pode ser aplicado a este tema, porque como foi apresentado no segundo capítulo deste nosso trabalho, a imortalidade da alma já era uma verdade de fé para o cristianismo.

## Conclusão

Podemos concluir com este trabalho que a alma humana está no meio entre as criaturas corruptíveis e incorruptíveis. O ser humano, possui as mesmas operações vegetativas que as plantas, alimentando-se e regenerando-se, as mesmas operações sensitivas que os animais, tendo no entanto o tato mais apurado que estes, e as possui as operações intelectivas que no entanto são inferiores às operações das criaturas espirituais, já que estas não necessitam dos sentidos para compreender e portanto não se unem ao ser corpóreo.

Vimos que inteligência é a causa que prova a incorruptibilidade da alma humana, já que a partir do conhecimento dos universais, conseguimos apreender os conceitos que são imateriais, inteligindo as coisas perpétuas. E também vimos que no ser humano existe um desejo pela imortalidade, infundido por Deus. O desejo de perpetuação da espécie também demonstra mais uma prova da incorruptibilidade da alma intelectual porque o filósofo tal desejo não seria vão.

No entanto, a dualidade é rechaçada pelo nosso filósofo, e não tem espaço em sua filosofia. A visão negativa, presente no espírito grego e muitas vezes na tradição mística cristã, será superada. Isto favorecerá uma compreensão melhor sobre a dignidade humana, já que o homem é a imagem e semelhança de Deus em todo o seu composto.

A incorruptibilidade também influenciará a vida ético-moral do homem, influenciando-o a tomar atitudes nesta terra, que lhe darão o destino para a vida futura, já que a busca por um bem eterno também é uma das causas que comprovam a incorruptibilidade da alma no pensamento do Doutor Comum.

Desejo que este trabalho suscite outras pessoas a aprofundarem sobre este tema, mostrando sua validade para os dias atuais, e todas as implicações que tal afirmação garante ao ser humano.

### **Bibliografia Primária**

AQUINO, Santo Tomás de. Questões disputadas sobre a alma. Tradução de Luiz Astorga. São Paulo: É Realizações, 2014. (Coleção Medievalia)

Suma Teológica: volume 1: Ia pars. Tradução de ALEXANDRE Correia. Campinas-SP: Ecclesiae, 2016

### **Bibliografia Secundária**

AMEAL, João. São Tomaz de Aquino: Iniciação ao estudo da sua figura e da sua obra. Porto: Livraria Tavares, 1947.

AQUINO, Santo Tomás de. A Imortalidade da Alma e a razão superior e inferior. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017

\_\_\_\_\_ Comentário à Metafísica de Aristóteles I-IV – Volume 1. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas-SP: Vide Editorial, 2016

\_\_\_\_\_ Questões disputadas sobre as criaturas espirituais. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2017. (Coleção Medievalia)

\_\_\_\_\_ Suma contra os gentios. Tradução de D. Odilão Moura, O.S.B.. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017.

ARISTÓTELES. De Anima. Tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2012 (2ª edição).

\_\_\_\_\_ Metafísica: Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale, Vol: II. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Bíblia Sagrada. Edições CNBB. Brasília, 2019. (2ª edição)

COULANGES, Fustel de. A Cidade Antiga. Tradução de Fernando de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

GARDEIL, Henri-Dominique. Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia, metafísica. Tradução de Cristiane Negreiro Abbud Ayoub e Carlos Eduardo de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Filosofia Medieval)

GILSON, Etienne. El Tomismo. Tradución de Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée, de Browuer, 1951.

JAEGER, Werner. Paideia: a formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (2ª edição)

MARINHO NETO, Djalma Aranha. Argumentos sobre a imortalidade da alma no Fédon de Platão. 2003. 107 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

REALE, Giovanni; ANTISSEI, Dario. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção Filosofia)

SERTILLANGES, A. D. As grandes teses da Filosofia Tomista. Tradução de L. G. Ferreira da Silva, S.J. Braga: Livraria Cruz, 1951.